

Os Recursos de Poder Existentes No Campo De Pós-Graduação em Administração: Uma Análise A Partir Da Perspectiva Teórica De Pierre Bourdieu

Ana Paula Bauer (UFRRJ) - anabauer@id.uff.br

Leonardo Vasconcelos Cavalier Darbilly (UFRRJ) - leonardo.darbilly1@gmail.com

Resumo:

A pós-graduação no Brasil sofreu muitas modificações ao longo de seu desenvolvimento, principalmente relacionadas ao seu sistema de avaliação. No decorrer do tempo o campo foi sendo guiado por meio dos instrumentos e critérios utilizados na avaliação dos programas. A última grande mudança nesse sistema ocorreu em 1998, quando foi implantado o Ranking Qualis um sistema de estratificação que classifica os veículos de divulgação da produção intelectual. Sendo assim, a avaliação passa a ser feita a partir da análise da qualidade dos veículos de divulgação, ou seja, o trabalho é considerado de qualidade se for aceito em um periódico que possui boa pontuação no sistema Qualis. Com isso, os agentes tendem a exigir de seus professores/pesquisadores mais produção de artigos para convertê-los em publicação, almejando conquistar posições dominantes no campo. Dessa forma, o objetivo do estudo é identificar quais os recursos de poder existentes no campo de ensino da pós-graduação em administração no estado do Rio de Janeiro, a partir das perspectivas teóricas de Pierre Bourdieu.

Palavras-chave: *avaliação da pós-graduação, recursos de poder, campo de pós-graduação em administração.*

Área temática: *GT-15 Teorias da Prática e Diferentes Formas de Organizar: Aspectos Teóricos, Metodológicos e Empíricos*

1. Introdução

O campo da pós-graduação passou por variadas mudanças ao longo de seu desenvolvimento, o que é natural em qualquer campo que pretenda se perpetuar com o passar do tempo. O contexto histórico influencia macro mudanças, assim como o contexto local direciona micro mudanças.

A pós-graduação *stricto sensu* e o ensino superior de um modo geral, possuem uma trajetória recente no país, se inicializando, no caso da pós-graduação, a partir da criação da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) na década de 1950 (BIANCHETTI e VALLE, 2014). Durante os primeiros anos de sua criação a Capes não se limitava as regras, procurava atender uma estrutura básica de normas flexíveis sem se importar muito em apenas cumpri-las, mas sim estar em consonância com a verdadeira realidade (PIRES, 2014).

Porém, no que diz respeito ao campo de pós-graduação em administração, é possível afirmar que a partir da década de 1990, mudanças significativas aconteceram e as mesmas vêm reestruturando o campo até hoje. Dentre elas, a adequação do projeto político brasileiro a nova ordem mundial, que proporcionou uma reforma da educação superior, “tendo por base a redução da esfera pública pelo viés privatista que introduz um processo de mercadorização do espaço estatal ou público” (FERREIRA, 2009, p.52).

A onda neoliberal se instaurou no país durante essa época (década de 1990) devido à crise do estado de bem estar social e impulsionada pela proposta de reforma do aparelho do estado apresentada pelo governo FHC. Nesse sentido, tais tendências também adentraram as esferas educacionais no Brasil, pois ocorreram mudanças em políticas públicas direcionadas ao ensino, buscando atender uma orientação preponderantemente neoliberal.

Por essa razão passa a vigorar uma preocupação com a competição e qualificação dos profissionais como forma de alavancar um desenvolvimento de qualidade para o país. Além disso, ocorreu a valorização da gestão moderna e racionalizada, que se realizaria “pela minimização da ação reguladora do Estado, resultando no negativo efeito colateral da mercantilização de direitos universais, como educação, saúde e segurança” (GUERREIRO, 2015, p. 55).

Nesse sentido, implementou-se o sistema Qualis “o que, supostamente, permite avaliar a qualidade da produção científica gerada pelos programas de pós-graduação” (WOOD JR. e COSTA, 2015, p. 326). A partir de então, devido a grande pressão voltada para a produção e publicação de artigos, o termo *publish or perish* muito utilizado nas universidades americanas, passou a vigorar também no Brasil e se transformou numa “espécie de mantra daquilo que acontece no contexto acadêmico em termos de criação e veiculação do conhecimento, seja por parte daqueles que exigem produção, seja daqueles que são pressionados a publicar” (ZUIN e BIANCHETTI, 2015, p.729).

Tal termo nasceu em um momento histórico industrial e empresarial em que essa exaltação pela produtividade foi naturalmente incorporada pela academia, por motivos de disputa pelas melhores colocações nos *rankings* (ZUIN e BIANCHETTI, 2015). Dessa forma, para avançar ou permanecer na pós-graduação, docentes e discentes passaram a ter que escrever e publicar mais, “passa-se a exigir mais produtividade com tanta pressão que, gradativamente, essa ganha o epíteto de “produtivismo”, denominação com características negativas de um processo no qual a tendência é a quantidade subsumir a qualidade” (ZUIN e BIANCHETTI, 2015, p.731).

De uma maneira geral, apesar da recente história da pós-graduação e da sua submissão às reformas mundiais que incentivaram o produtivismo, não se pode negar que o sistema de avaliação brasileiro é reconhecido como uma implementação de sucesso por ter alavancado a posição do país no ranking dos países produtores de ciência, atingindo a 13ª posição (BIANCHETTI e VALLE, 2014).

Dessa forma, busca-se no presente trabalho identificar quais os recursos de poder existentes no campo de ensino da pós-graduação em administração no estado do Rio de Janeiro, a partir das perspectivas teóricas de Pierre Bourdieu.

2. Perspectiva Teórica

2.1 O Produtivismo Acadêmico

O atual sistema de avaliação gerido pela Capes trouxe diversas mudanças para o ambiente acadêmico, impactando nas exigências feitas aos programas de pós-graduação. Segundo Magro, Secchi, e Laus (2013), as mudanças que tal sistema sofreu ao longo do tempo, foram influenciadas pelas reformas do estado, que buscam propor um novo modelo de gestão.

A nova gestão pública (NGP) foi adotada pelo Brasil na década de 1990 e tinha como objetivo sanar as deficiências advindas dos modelos anteriores, tal como a burocracia. Sendo assim, esse modelo previa reestruturações institucionais e ênfase na eficiência e desempenho (MAGRO, SECCHI, e LAUS, 2013). Além disso, também se percebeu uma maior preocupação em aumentar a inserção internacional da pós-graduação brasileira, visando publicar em periódicos estrangeiros e construir relações com universidades de fora do país.

Os autores chamam a atenção para a crença de que o setor privado possui as melhores práticas para administrar, “e com objetivo de melhorar a eficácia administrativa e a inserção internacional das pós-graduações brasileiras foi inserido no cotidiano de docentes e pesquisadores as avaliações e os *rankings*” (MAGRO, SECCHI, e LAUS, 2013, p. 8). Atualmente, percebe-se que a ciência, a tecnologia e a pesquisa ganharam um caráter utilitarista onde, cada vez mais os órgãos de fomento têm destinado seus recursos para estudos que se comprometam em potencializar a capacidade de reprodução do capital (BOSI, 2007).

A qualidade da academia passou a ser mensurada através da quantificação e da competição pela posição dominante. Nessa lógica, Cunha (2006) aponta que alguns autores percebem a qualidade do ensino representada pelo sistema que atenda as requisições do mundo produtivo, tendo assim a competitividade em suas relações (CUNHA, 2006).

Nesse sentido, Luiz (2006, p. 301) corrobora apontando que a tendência contemporânea pela “quantificação como estratégia de avaliação de qualidade acadêmica, se por um lado a viabiliza operacionalmente, por outro, não nos deve cegar quanto às suas claras limitações”. Para Dias Sobrinho (2003, p.32) “toda avaliação tem um forte significado político e uma importante dimensão ética, e não apenas técnica”, a avaliação sempre é produzida em um “espaço social” conduzido por “valores e disputas de poder”.

Visto os autores que trazem a discussão do produtivismo na academia, podemos perceber que tal modelo não possui amplitude suficiente para medir a qualidade das pesquisas. Dessa forma, segundo Luiz (2006, p.302) a quantificação da produção acadêmica têm gerado um aumento “daquilo que pode ser considerado lixo acadêmico”, ou seja, cada vez mais a academia vem produzindo trabalhos que em tempo algum serão usados por

alguém, mesmo quando são publicados em veículos com fatores de alto impacto.

Parece ser possível afirmar que o modo como a pós-graduação vem sendo avaliada, torna difícil a tentativa de planejamento ou execuções de estratégias que busquem se opor à lógica vigente, “sobretudo devido à escassez de recursos financeiros, especialmente em universidades e programas de menor prestígio e capital acadêmico da instituição no cenário nacional” (OLIVEIRA, 2015,p.352). O modo como a avaliação está estruturada conduz a um ciclo vicioso em busca de melhores resultados, onde os próprios programas almejam se igualar ou ultrapassar seus pares considerados de excelência.

Nesse contexto a competição entre os programas é inerente, os mesmos concorrem por recursos seja através de “ações individuais ou coletivas dos docentes, seja por meio de projetos, convênios, atendimento aos editais e parceiras que resultem em alternativas de financiamento junto aos órgãos públicos ou privados” (OLIVEIRA, 2015, p.352). Pode-se afirmar que essas implicações são resultados da atual preocupação com a mercantilização da educação e de seus produtos acadêmicos buscando se adequar ao contexto de globalização capitalista.

3. A Perspectiva Teórica De Pierre Bourdieu

A perspectiva de campo é percebida como um espaço social, no qual os agentes estão inseridos (indivíduos e grupos). Esses agentes possuem disposições específicas, buscando alcançar recursos que lhe proporcionem poder. Misoczky (2003, p.13) atenta que a percepção de sociedade é trocada pela de campo e de espaço social, “cada campo prescreve seus valores particulares e possui seus próprios princípios regulativos”. Desse modo Bourdieu (1989, p.135) descreve o campo social como um:

“espaço multidimensional de posições tal que qualquer posição atual pode ser definida em função de um sistema multidimensional de coordenadas”, onde os valores respondem aos valores cujos valores correspondem aos valores das diferentes variáveis pertinentes: os agentes distribuem-se assim nele, na primeira dimensão, segundo o volume global do capital que possuem, e na segunda dimensão, segundo a composição de seu capital – quer dizer, segundo o peso relativo das diferentes espécies no conjunto das suas posses”. (BOURDIEU, 1989, p. 135)

Segundo Misoczky (2003, p.14) “a questão do limite do campo é difícil, simplesmente porque ele é sempre objeto de disputa no próprio campo”, os princípios (de regulação e regularidades das práticas) demarcam um espaço socialmente estruturado em que os agentes estão em conflito, para manter ou subverter as posições, dependendo das colocações que ocupam no campo. Segundo Dick (2008, p. 330), Bourdieu elaborou a concepção analítica de campo para proporcionar a pesquisa “sistemática de qualquer ordem social”.

Para Swartz (2002, p. 65) Bourdieu concebe o campo como um contexto social estruturado, “os campos são arenas competitivas de luta dos diferentes tipos de capital”. O autor aponta que Bourdieu pensa a sociedade “como um arranjo complexo de muitos campos, como o campo econômico, o campo artístico, o campo religioso, o campo legal, e no campo político” (SWARTZ, 2002, p. 65). O significado de campo evidencia que os acontecimentos sociais são espaços estruturados onde os atores disputam entre si por recursos de valor (SWARTZ, 2002).

O campo científico também está sob o comando das “*estruturas das relações objetivas*”. Tais estruturas empregam o princípio do campo, determinam os “pontos de vista”, as

“intervenções científicas”, os “lugares de publicações”, os “temas e objetos de estudo”, ou seja, é com o lugar que um agente ocupa nessa estrutura, que é orientada sua tomada de posição no campo (BOURDIEU, 2004, p. 23). Nesse sentido o campo científico também é estruturado e estruturante, ou seja, “essa estrutura, é grosso modo, determinada pela distribuição do capital científico num dado momento” (BOURDIEU, 2004, p. 24).

Dessa forma o autor aborda que assim como nos outros campos, uma subversão da ordem vigente altera o panorama de dominantes e dominados, “os pesquisadores ou pesquisas dominantes definem o que é, num dado momento do tempo, o conjunto de objetos importantes” (BOURDIEU, 2004, p. 25), “aquilo que define a estrutura de um campo num dado momento é a estrutura da distribuição do capital científico entre os diferentes agentes engajados nesse campo” (BOURDIEU, 2004, p. 26). Todo campo possui uma determinada estrutura que orienta seu modo de funcionamento, “cada campo é o lugar de constituição de uma forma específica de capital” (BOURDIEU, 2004, p. 26).

Os jogadores no campo permanecem em constante trabalho para se destacarem de seus adversários, com intuito de estabelecer uma hegemonia sobre um subsetor particular do campo, onde os limites estão estabelecidos no ponto em que seus efeitos cessam (MISOCZKY, 2009). Nesse sentido, Dick (2008), afirma que quando se usa a aproximação do jogo para explicar as dinâmicas do campo, é preciso distinguir o que de fato está em jogo no campo, ou seja, os tipos de capital importantes.

Habitus é um outro conceito muito importante na perspectiva teórica de Bourdieu, segundo Swartz (2002, p. 61), o conceito de *habitus* de Bourdieu se tornou “uma referência de liderança na crescente literatura sociológica sobre as teorias da ação humana como práticas”. Esse conceito se desenvolveu através das investidas de Bourdieu em abordar como a “ação humana é regulada”, ou mais corretamente como é que “a ação humana segue padrões regulares estatísticos sem ser o produto de obediência a alguma estrutura externa, tais como as normas de renda ou culturais, ou a alguma intenção subjetiva, consciente, como cálculo racional”, o conceito de *habitus* é relacional a teoria da ação (SWARTZ, 2002, p. 61).

A ação de um agente no campo busca o acúmulo de capitais específicos para alcançar ou manter a posição dominante no campo, tal ação é orientada pelo *habitus*. Sendo assim, “*habitus* são formados com determinados tipos e quantidades de capital” (SWARTZ, 2002, p. 65). Nesse sentido, os agentes são impulsionados por “recursos de valor”, recurso esse que Bourdieu denomina “formas de capital” (SWARTZ, 2002, p. 65).

Nota-se então, que na perspectiva analítica de Bourdieu as diferentes espécies de capital adquiridas pelos agentes, caracterizam seu poder no campo, por isso Bourdieu (1989, p. 134) afirma que “o capital – que pode existir no estado objetivado, em formas de propriedades materiais, ou, no caso do capital cultural, no estado incorporado, e pode ser juridicamente garantido – representa um poder sobre um campo (num dado momento)”. O autor menciona que posição de certo agente no espaço social, pode ser definida pela distribuição dos poderes que agem no campo, ou seja, pela distribuição de capital e suas diferentes espécies, como o capital econômico, capital cultural, capital social e também o capital simbólico.

Assim, a análise do campo pautada nas ideias de Bourdieu aponta que os valores ou formas de capital delimitam e dão sustentação ao espaço social, as relações sociais no campo são regidas pelas lutas mantidas pelos agentes para alterar ou perpetuar as dinâmicas de força e distribuição das formas de capital específico (THIRY-CHERQUES, 2006). Misoczky (2009) afirma que um capital pode tomar variadas formas, é essencial compreender a estrutura e dinâmica de sociedades diferenciadas, tendo certo que um capital não existe e não funciona, exceto em relação a um campo. Dessa maneira, afastar o capital do arcabouço teórico-conceitual de origem suprime seu sentido fundamental e sua razão de existência.

Aos interesses almejados pelos agentes para se perpetuar no campo, Bourdieu denomina capital, no entendimento dos bens econômicos e também do conjunto de valores culturais, sociais, simbólicos, científicos entre outros. (THIRY-CHERQUES, 2006, p. 31). A potência relativa de cada jogador depende, conseqüentemente, do volume e da estrutura de seu capital, além das alterações com o passar do tempo desse volume e dessa estrutura.

Para Bourdieu (2008, p. 52) um dos objetivos das lutas no campo que contrapõem o grupo de agentes ou o grupo de instituições, tendo em comum um volume de capital específico satisfatório para ocupar posições dominantes, é “conservação” ou a conversão da “taxa de câmbio” entre os diversos tipos de capital. Nesse sentido, a tendência conservadora ou subversiva, das forças inseridas nessas lutas dependem da taxa de câmbio entre os diversos capitais, ou seja, aquilo que essas lutas buscam conservar ou modificar.

Assim como nos conflitos políticos e econômicos, os agentes precisam de um determinado volume de capital para se inserirem no campo e naturalmente utilizam-se de estratégias que possibilitem a permanência ou a conquista de uma posição no campo social. (THIRY-CHERQUES, 2006, p. 32).

Nota-se que na análise do campo social sugerida por Bourdieu, existe o permanente conflito de interesses, pois os agentes que detêm o capital buscam manter suas posições de agentes dominantes, enquanto os agentes dominados visam alterar a ordem e deter o capital em questão.

Todo campo possui uma determinada estrutura que orienta seu modo de funcionamento, e dessa forma, “cada campo é o lugar de constituição de uma forma específica de capital” (BOURDIEU, 2004, p. 26). O campo científico por sua vez, possui seu próprio capital, denominado capital científico que é “uma espécie particular de capital simbólico que consiste no reconhecimento atribuído pelo conjunto de pares-concorrentes no interior do campo científico” (BOURDIEU, 2004, p. 26).

Segundo o autor esse tipo específico de capital pode assumir diferentes formas como o número de citações por um determinado trabalho, sinais de reconhecimento e consagração como prêmios científicos nacionais ou internacionais, traduções de livros para língua estrangeira, entre outros. O capital científico se sustenta sobre o “reconhecimento de uma competência” que fornece uma autoridade contributiva para a definição das “regras do jogo”, assim como suas “regularidades”, definição de leis que abordam sobre a distribuição de lucros no campo, tais leis orientam o tema que deve ou não ser pesquisado, em quais revistas a produção deve ser publicada, ou seja, os capitais simbólicos determinam o funcionamento e a estrutura do campo (BOURDIEU, 2004, p.26).

4. Metodologia

Para se atingir o objetivo do estudo realizou-se uma pesquisa qualitativa, por meio de pesquisa bibliográfica e de campo. Caracteriza-se como pesquisa de campo, pois o estudo e a coleta de dados se realizam onde ocorre o fenômeno observado, ou seja, a pesquisa será realizada no próprio campo de ensino da pós-graduação em administração.

Quanto ao seu caráter bibliográfico, o trabalho busca trazer conceitos e ideias com base na perspectiva analítica de campo e capital de Bourdieu, além de se apoiar em trabalhos, artigos, discussões acerca do desenvolvimento da pós-graduação e a inserção do produtivismo acadêmico nesse campo.

Na pesquisa de campo ocorreu a realização de entrevistas presenciais, com um roteiro semiestruturado. Os sujeitos da pesquisa foram os docentes credenciados em programas de pós-graduação do estado Rio de Janeiro. A delimitação foi feita nessa região, pois concentra aproximadamente 50% dos cursos de pós-graduação com mestrado e doutorado em

administração no país Foram realizadas entrevistas com 12 docentes de 5 instituições de ensino.

Utilizou-se o software *Atlas Ti* para agrupamento e classificação dos dados e identificação das categorias definidas a priori, sendo elas: campo, capital e produtivismo. Alguns trechos das entrevistas foram usados na apresentação dos resultados. Para a análise do material colhido utilizou-se a técnica de análise de conteúdo, que trata os dados contidos nas falas, nos livros, artigos e em todo o *corpus* que sustenta a pesquisa (BARDIN, 1977). A análise foi organizada em três fases: pré-análise; exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e a interpretação.

A pré-análise foi a fase de organização dos dados, e teve por objetivo operacionalizar e sistematizar as ideias iniciais. A fase de exploração de material foi composta fundamentalmente pelas operações de codificação, antecipadamente formuladas, ou seja, nessa fase foram identificadas as categorias que sustentaram a análise. Na fase de tratamento dos resultados obtidos e interpretação dos mesmos, os dados se tornaram significativos e válidos, ou seja, passaram a representar as categorias a priori e assim auxiliou o alcance do objetivo do estudo.

5. Análise dos dados

5.1 O campo e a avaliação da pós-graduação em administração

Apesar da existência de um campo em comum e um mesmo modelo de avaliação para todos, é importante ressaltar que cada agente possui sua determinada peculiaridade e a forma homogênea e padronizada de avaliar pode equivocar o resultado da avaliação. Alguns agentes destacaram que a questão da internacionalização, por vezes muito incentivada e valorizada, talvez não seja tão urgente para todos. É necessário ir um pouco além da realidade da região sudeste e compreender que as outras regiões do país possuem suas próprias necessidades e características específicas, percebendo também que os agentes mais novatos no campo não tem como competir e ser avaliado como um agente que atua há mais tempo.

“e aí eu também me questiono muito se essa deve ser uma regra geral, [...], um programa que tá no Amazonas, em Roraima, se realmente ele tem necessidade de ter.. esse intercambio internacional tão.. tão forte, com tantas questões locais que ele.. ele pode investigar, entendeu, [...] então.. mais um vez essa crítica ao uso de um critério é.. comum pra regiões e pra programas, que tem características muito distintas né, não só em relação a.. a tempo de .. de..existência do programa, quanto as regiões onde estão localizados, aos alunos onde eles atendem [...] outra questão que é também complicada..programas iniciantes são avaliados com os mesmo critérios de programas mais antigos, impossível, né, o que é muito bom, assim.. o programa mais antigo, ou que tem uma revista, que já tem pesquisadores sêniores, que já tá consolidado, tem um reconhecimento, uma inserção dos seus alunos, dos seus pesquisadores nas publicações muito mais bem vinda, hoje uma revista que tá começando de um programa novo não tem a menor chance, de receber é.. é.. artigos, porque as pessoas não vão publicar numa porque as pessoas não vão publicar numa revista nova, porque não sabe se vai ser bem avaliada, ou se quer se ela vai ser qualificada, então, essas questões, eu acho que merecem ser vistas pela.. pela comissão de avaliação, pela área de avaliação porque a gente tá dando muita ênfase em aspectos que não necessariamente são tão relevantes, não são tão relevantes, pra todo o país, em determinadas regiões não sei se é tão importante a publicação ou a experiência docente e a orientação, sabe?, eu acho que isso tem que ser relativizado,

mas eu acredito que seja..., vai acabar sendo fruto do aperfeiçoamento do processo de avaliação, né, pelo menos é o que espero” (Entrevistada 2).

Nessa fala fica muito evidente que nem todos os critérios exigidos pela avaliação serão de fato relevantes para o desenvolvimento de determinados agentes no campo nacional. As realidades experienciadas pelos mesmos que deveriam ditar o que de importante tem de ser feito, e dedicado mais esforço. Como exposto no trecho acima, existem regiões que carecem mais de ensino e boa orientação, do que de publicações internacionais, assim como existem agentes que ainda possuem pouco tempo de existência no campo para apresentarem pontuações elevadas e publicações de maior fôlego. Também é destacado o impacto que a atual forma de avaliar tem sob o surgimento de novas revistas, intimidando de certa forma, esse processo, pois as publicações devem gerar pontos e se não cumprem esse papel não tem porque publicar em revistas não qualificadas.

A preocupação com o ranqueamento também mascara a realidade verdadeira do campo, pois não consegue trabalhar com as diferenças, ou seja, com as características únicas que cada programa possui. Desse modo, focaliza em métricas e instrumentos de quantificação que nem sempre expressam com devida atenção o trabalho que um determinado agente vem desenvolvendo ao longo de sua trajetória no campo.

“é um ranqueamento que não faz completa abstração das.. é.. características regionais, então você observa o seguinte, o padrão para se construir para fazer esse ranqueamento, é um padrão de sudeste, [...], o percentual, de notas 6 e 7 do sudeste, é várias vezes superior a região sul e mais varias vezes ainda a região nordeste e norte do país, então o padrão que está posto aí é o padrão sudeste, que não necessariamente significa um bom padrão, do ponto de vista empírico, assim, bem prático, a minha experiência com alguns programas de nota elevada é uma experiência que depõe contra esse ranqueamento, [...] na minha opinião, a experiência que eu tenho no Brasil com esses programas com nota 7 é..e 6.., não , não mudam em nada a minha impressão negativo sobre o ranqueamento feito pela CAPES” (Entrevistado 8).

O agente aborda sobre os aspectos regionais, mas também questiona sobre a qualidade que o sistema de avaliação afirma mensurar. Essa fala aponta que o modelo de avaliação vigente busca analisar todos os programas partindo de uma visão regional, especificamente criada por meio da realidade da região sudeste, visando construir modelos padrões do que seria a qualidade. É apontado que nem sempre o padrão sudeste será de fato o melhor, para se basear e avaliar todos os outros agentes do campo. Por fim, é criticada a qualidade encontrada em programas que possuem elevadas notas e conseqüentemente uma boa posição no ranking dos programas, é afirmado que nem sempre as pesquisas produzidas pelos mesmos possuem profundidade correspondente a excelência da sua nota.

Também foi possível identificar singularidades presentes nos próprios programas da região sudeste. Como se sabe, no estado do Rio de Janeiro existe programas públicos e programas privados, e com naturalidade cada um possui sua peculiaridade, afinal possuem estruturas, gestões e perspectivas diferenciadas. No entanto, no ato avaliativo essas questões não são consideradas, podendo trazer prejuízos para alguns agentes, principalmente referente a assuntos de credenciamento e descredenciamento.

“basicamente o que as escolas fazem é, elas só colocam pra dar aula no mestrado e no doutorado os professores que tem lá os requisitos mínimos que a CAPES pede pra que eles sem mantenham como programas 5, 6, 7 né. Isso geralmente tá ligado à

publicação, é.. o [...] tem um grande problema com isso que o seguinte, a gente não tem graduação, então se eu descredencio um professor, é.. o que que eu vou fazer com ele, né?, então a gente, ainda assim, a gente sofreu uma pressão nos últimos relatórios, você deve ter visto recentemente que na última pontuação a [...] caiu [...], o que é assim, absolutamente, pra gente foi um choque assim, porque a gente sempre se viu e sempre foi visto no mercado como uma escola de excelência, se você olhar no hemisfério sul inteiro [...] presente nos dois rankings do Financial [...], do mestrado sistematicamente, [...], assim não é pouca coisa, a gente é uma das pouquíssimas escolas acreditadas internacionalmente no Brasil, então a gente sempre teve nessa companhia entre.. entre os grandes, e aí como é que a gente cai [...] né? E isso aconteceu muito por conta dessa questão da política de credenciamento de professor, é.. como que a gente faz a gestão do NDP pra que você tenha apenas os docentes que são mais, é..que tão preenchimento os requisitos lá né..Isso pra gente tem sido, a gente é uma escola muito pequena né, [...], muita conversa, muita troca, e o que a gente tá fazendo agora, na verdade é o contrário, todo mundo aqui é.. [...], todo mundo trabalha aqui, a gente tem que correr atrás, de fazer lá..a.., de preencher os requisitos” (Entrevistada 7).

Nesse sentido, o trecho evidencia um cenário avaliativo em que as características específicas de composição e de natureza do programa não são consideradas. A impossibilidade descredenciar um docente por conta de sua pontuação gera efeitos prejudiciais, rebaixando a nota de um agente tão reconhecido e de sólida trajetória no campo.

5.2 Os capitais importantes e o grande destaque da publicação/pontuação

A preocupação com as pontuações conquistadas por meio das publicações alcançaram patamares cada vez mais elevados, se tornando um critério para todos, não importando o quão relevante um determinado pesquisador é para o campo. Caso um pesquisador não atinja as pontuações mínimas, ele corre um grande risco de ser descredenciado. No entanto, alguns agentes tentam se desviar dessa regra mantendo esse pesquisador em seu quadro na mesma forma.

“Porque você tem essa questão de mesmo um professor sênior, hoje, aos olhos da CAPES ele é avaliado como...como qualquer um, né, a gente tem vários casos aqui de professores muito experientes que já tiveram uma alta produção, uma produção alto impacto, a gente tem um professor aqui, especificamente, que..é.. acho que do nosso grupo tem o maior índice de impacto, e que.. não necessariamente o sujeito vai manter o mesmo fluxo de produção, e aí? O que você faz com esse cara? Mas pra CAPES ele é avaliado como os outros né, o índice de impacto dele, o que ele já construiu, quantas teses e quantas dissertações ele já orientou.. isso não é relevante, então.. a nossa opinião nesse caso, é a gente tenta.. a gente vai tentan..., a gente mantém esse docente aqui, mesmo que ele não publique mais tão significativamente” (Entrevistada 2)

É notório que para a agência reguladora do campo, não existe distinção entre um pesquisador novato no campo e um pesquisador sênior, que já possui uma longa e significativa trajetória, contribuindo para o desenvolvimento e aprofundamento da sua área de atuação. Contudo, é importante frisar que esses pesquisadores muitas vezes são referências em determinados temas e seu descredenciamento por conta de pontuação se torna uma decisão delicada. Porém fica nítido no trecho acima que o sistema de avaliação padronizado para todos, não se atenta a essas peculiaridades.

Segundo Bourdieu, o campo se constitui de estruturas específicas, onde os agentes estão na busca por recursos de poder, ou seja, a busca por capitais significativos para cada campo.

Dessa forma, partindo da perspectiva teórica abordada, afirma-se que os principais recursos de poder que tais organizações buscam deter são: produção, corpo docente qualificado, prestígio, capital financeiro e claro, uma boa colocação no *Ranking* da Capes.

No entanto, esses recursos de poder estão intrinsecamente ligados, a relação entre eles contribui para que um agente obtenha uma boa posição no campo. É importante ressaltar que a Capes ocupa uma função reguladora e dessa forma já possui uma posição diferenciada no campo, não disputando recursos com os programas. Nesse sentido, os mesmos buscam produzir quantitativamente - e alguns também já se preocupam com a produção qualificada, buscando principalmente a publicação em periódicos internacionais – pois a produção elevada gera publicações que se convertem em pontos e esses pontos irão contribuir para sua avaliação.

Por sua vez, a composição de um bom corpo docente, principalmente aqueles que estão comprometidos com a pesquisa, produção e publicação nacional e internacional, são muito bem-vindos para os agentes. São os docentes um dos principais recursos de poder, pois são eles que irão compor o programa e fazer que se cumpram os objetivos estabelecidos, através dos mesmos o ensino e pesquisa são realizados, conforme exposto no trecho de entrevista a seguir:

“Eu acho que, é, tem que ter primeiro, tem que ter um corpo docente de alta qualidade tá, eu acho que o corpo docente na pós-graduação mestrado, doutorado, um corpo docente majoritariamente composto por pessoas com doutorado em instituições de qualidade, onde o doutorado seja realmente é visto como um programa que atingiu níveis bons de qualidade” (Entrevistado 6).

Os docentes também devem encaminhar seus trabalhos para publicações que resultem em uma boa pontuação no *Qualis*. Por isso, parece ser possível afirmar que o *habitus* presente nesse campo nos direciona aos docentes e coordenadores alinhados ao aumento de trabalho, focados em intensificar sua produção e assim conquistar uma posição dominante no campo. Com isso o direcionamento de sua produção deve ser para revistas qualificadas da área e não para qualquer veículo de divulgação, limitando assim, sua livre escolha em decidir onde publicar seu trabalho:

“temos uma atenção grande, tem pesado consideravelmente é aquilo que é chamado pela CAPES de produção acadêmica né, que nos consideramos apenas como pontuação é.. , eu, pessoalmente, considero uma pontuação não efetivamente uma produção, mas uma pontuação obtida através de publicações em.. periódicos qualificados pela própria CAPES como A, B, A1, A2, B1, B2 e.. então essa é uma coisa que tem pesado muito, infelizmente tem sido esse o padrão de exigência que têm nos feito né, na verdade um reprodução do padrão da CAPES [...] então a concepção ao invés de ser uma concepção de ampliar o espectro de revistas e assim você poder ter muito mais revistas A cada ano que passa porque a sua base também aumentou, então você não teria preocupação de ficar com uma pirâmide invertida, quando o vértice da pirâmide estaria pra baixo, porque as revistas estariam todas elas evoluindo na destinação de A, não teria esse tipo preocupação a ponto de fechar e dizer.. não..só podem ser A 25%, se você estivesse estimulando as revistas a aparecerem e estimulando as pessoas a escreverem nas revistas novas, por exemplo, seria uma coisa extremamente interessante, pra quem de fato quer desenvolver conhecimentos, meio de divulgação do conhecimento, estímulo ao conhecimento, que as pessoas escrevem para publicar, se se dissesse o seguinte: leva a pontuação

elevada quem publica em revistas novas, quem se dispõe a publicar em uma revista nova” (Entrevistado 8).

Esses trechos evidenciam o encaminhamento no momento de divulgação da produção. Para que consigam se manter e atingir a pontuação mínima os agentes necessitam publicar em periódicos qualificados no *Qualis* Capes. Dessa maneira, acontece uma limitação dentre as possibilidades de escolha, pois nem todos os periódicos possuem boas pontuações e nem todos são qualificados, porém isso não quer dizer que não possuem consistência suficiente para divulgar uma pesquisa.

O corpo docente também pode se transformar num recurso prejudicial ao programa, na medida em que os docentes não atingem os rendimentos necessários resultando numa avaliação não satisfatória para o programa, isso geralmente acontece por conta da baixa publicação de artigos, ficando aquém do mínimo solicitado pela Capes.

“Na.. no regulamento do programa, existe, tá previsto e tudo, mas ainda não aconteceu, espera-se que.. que aconteça, agora esse processo acaba associando é.. outras.. disputas internas né, e que.. as pessoas ao invés de assumirem que de fato estão com a produção baixa, ficam atribuindo eventual.. é.. crítica.. ou mesmo exclusão, há.. outras questões políticas, mas na verdade tem uma questão objetiva de que você tem que satisfazer esses critérios, então.. ainda não ocorreu essa.. essa..exclusão de algum membro do corpo docente, mas..infelizmente ela é necessária nesse momento, [...], e precisamos crescer” (Entrevistado 9).

“chega no final do ano, você faz, cada professor é feita essa avaliação de quanto ele produziu se tá dentro dessa , dessa média, né, se ele não.. não atinge essa média, né, [...], ele passa a ser descredenciado para dar aula na pós-graduação, tá, se bem que esse descredenciamento ele é o que a gente chama de provisório, [...]Mas o descredenciamento basicamente é, por um ano né, o professor não pode dar aula na pós-graduação, esse é o.. mas de toda forma ele pode, no ano seguinte se ele produziu ele volta pra pós-graduação, então digamos assim, o.. a punição é essa, tá, se naquele ano, feito o balanço daquele ano, você não alcançou, aquela né, aquela meta, você, mesmo assim, ainda tem né, uma repescagem, você ainda tem até setembro, que as vezes, eventualmente tem algum artigo que ainda vai sair, alguma coisa né, é, você ainda pode né, reverter essa situação” (Entrevistada 5).

“Olha...formalmente...seria.. o não atendimento a pontuação em produção intelectual..ih...é.. você ta falando do descredenciamento né.. é.. no.. no.. período correspondente a um quadriênio, quadriênio CAPES. É o único item que impossibilitaria o descreden.. é, que não... que impossibilitaria o credenciamento” (Entrevistada 2).

Nas falas destacadas acima, é possível perceber que o descredenciamento é uma realidade do campo e que se ainda não foi praticado por algum agente, tem grandes chances de ocorrer. Esse descredenciamento conforme evidenciado nas falas, ocorre majoritariamente em razão do não atingimento dos pontos mínimos, ficando aquém do desejável. Nota-se então, que o sistema de avaliação não possui regras flexíveis quanto a isso, prejudicando o resultado da avaliação de um agente caso esse fato ocorra. Por isso, existe uma grande preocupação com essa questão, levando à decisões mais sérias e profundas para reverter-la, como é o caso do descredenciamento. Nota-se então, que o *habitus* é levado em consideração no momento do descredenciamento. Isso ocorre, pois, a composição do programa com docentes que não possuem esse *habitus* preocupado com a intensificação do trabalho e da

produção, não irá gerar boas pontuações. Consequentemente não alcançará uma avaliação satisfatória, tendo em vista que atualmente a pontuação representa uma parcela relevante dentro os quesitos de avaliação.

Assim como o funcionamento dinâmico de qualquer campo, o campo de pós-graduação em administração também possui capitais que são cobiçados pelos agentes e essenciais para sua permanência dominante nesse espaço. O grande volume de publicação em periódicos que ocupem boa posição no ranking *Qualis*, pode ser definido com um desses capitais almejados. A produção científica, principalmente, passou a denominar quais agentes se tornariam dominantes, ou seja, o volume de produção conduz a dinâmica do jogo. Os agentes que se preocupam com a produção acadêmica possuem um corpo docente mais qualificado que conquistam financiamentos para suas pesquisas. Também possuem boa infraestrutura propiciando um bom rendimento aos docentes, dentre outras vantagens que os auxiliam a ocupar uma posição dominante. Nesse sentido, trechos de entrevistas comprovam a finalidade da produção científica:

“É ser bem avaliado, né, é ter inserção nacional e internacional, ter visibilidade, é.. porque quando o cara publica o nome do programa tá lá, então.., eu acho que a publicação dá bastante visibilidade pro programa” (Entrevistado 6).

“É... tem várias né... tem as óbvias né.. , quer dizer..a gente produz cientificamente pra conseguir manter o programa qualificado, tá.., essa é muito óbvia.. mas seria empobrecedor dizer que é a finalidade da publicação, da produção científica aqui” (Entrevistado 1).

“É ser bem avaliado, né, é ter inserção nacional e internacional, ter visibilidade, é.. porque quando o cara publica o nome do programa tá lá, então.., eu acho que a publicação dá bastante visibilidade pro programa[...] É como qualquer outro programa né, primeiro é, porque você é avaliado pela CAPES em cima dessa produção, segundo que é um programa que tem como desafio apresentar uma produção científica importante né, pra ser reconhecido como tal pela área e todos os outros programas” (Entrevistada 2).

“O programa.. tem que cumprir as regras, quer dizer, então.., em princípio ele.., dá muita importância porque quer melhorar a sua.. seu.. sua classificação no.. no.. na avaliação da..CAPES, então ele.. dá muita importância a isso, mas sempre tem um grupo que tá dizendo: ah.. esse produtivismo, e não sei o que... temos que valorizar outras atividades, temos que estimular.. Tudo bem, mas a CAPES não valoriza, então nos vamos valorizar o que você acha legal e vamos ser descredenciados?” (Entrevistado 9).

Dessa forma, é percebido que atualmente finalidade de produção científica é antes de tudo voltada para uma boa avaliação, ou seja, como a Capes avalia os agentes por meio do seu volume de produção, essa se tornou a preocupação principal. No entanto, alguns agentes perceberam que existem outras possibilidades e finalidades mais profundas. A produção científica também é utilizada para proporcionar a visibilidade do agente no campo tanto nacional, como internacional. Sendo assim, fica claro que preocupações em relação ao impacto social da pesquisa e a possível mudança que gerará no campo ficam para segundo plano. Desse modo, a pós-graduação se afirma como um campo extremamente preocupado com produção e publicação não havendo muito espaço para outras percepções, ainda que isso seja algo consciente para os membros do campo.

Além disso, é importante ressaltar que o fato do capital *produção científica* ser tão cobiçado no campo, refere-se à possibilidade de convertê-lo em capital econômico, ou seja,

uma boa avaliação recebida pela Capes gera mais financiamentos e investimentos para o programa. Dessa maneira o capital *produção científica* poderá ser convertido em capital econômico, pois uma boa avaliação gera mais possibilidades de bolsas, financiamentos:

“ou porque conforme essa minha publicação ela consegue ter uma nota maior na Capes, se ela tem uma nota maior Capes ela consegue mais bolsas de mestrado e doutorado do CNPq, e aí ela consegue abrir a faculdade né, a escola pra mais alunos né, e aí eu consigo ter uma classificação melhor na Capes, se eu tenho uma classificação melhor na Capes eu tenho mais alunos me procurando” (Entrevistada 4)

[...] a lógica da avaliação é uma lógica de discriminação no sentido de que vai estabelecer um ranking dos programas, quem é 7, quem é 6, quem é 5, quem é 4, que em consequência vai alocar recursos de pesquisa, recursos, bolsas de alunos, bolsas.. enfim.. tudo cadeia vai junto em cima dessa lógica de funcionamento, mas ela é excessivamente enviesada pelo critério de publicação, mensurar de forma quantitativa” (Entrevistada 12)

Da mesma forma, os trechos acima ilustram que na realidade uma boa avaliação pode gerar como fruto, além de uma posição satisfatória no campo, consistentes possibilidades de financiamentos e bolsas para desenvolver mais pesquisas. Quanto mais um agente receber investimentos e financiamentos, maiores serão suas chances de alcançar uma posição de destaque no campo. Com o capital econômico poderá se desenvolver melhor e com mais qualidade, se colocando a frente de muitos outros que estão inseridos no mesmo campo. Então, pode-se afirmar que também existe a conversão do capital econômico em capital simbólico, aquele que traz prestígio e reconhecimento ao programa, o colocando assim em uma posição dominante no campo.

“Prestígio, prestígio pro programa, prestígio para os docentes ligados ao programa, certamente mais bolsas, mais recursos, basicamente isso, tá [...] Maior atratividade também né, se, se é programa nota 6 ou nota 7 evidentemente que você vai ter uma procura maior, ou de, candidatos mais qualificados” (Entrevistada 5)

“Eu acho que..claro, não só o reconhecimento externo é.. dentro do Brasil, porque fora do Brasil ninguém sabe o que que é nota 7, CAPES, isso é preocupaçãozinha doméstica, é.. o que importa pra fora é o impactor factor dos docentes, aonde que nós estamos publicando” (Entrevistado 11).

“tem uma dimensão importante no simbolismo né, nos sustentamos objetivar isso via fatores de impactos, citações e afins, mas o que que estaos disputando? Reconhecimento, reconhecimento que alguém possui autoridade naquela área de conhecimento, então criaram-se uma série de critérios materiais, mas.. eles.. simbolicamente ham.. indicam que tem autoridade né, quem é o maior? Quem é o mais conhecido na área não é?, quem é o pesquisador mais reconhecido?, quem é o Einstein de administração?, todos tendemos, competimos pra isso né, pra alguém né, que indiscutivelmente esta o número um né desses rankings internacionais se disputa a autoridade a autoridade científica” (Entrevistada 12).

Quando questionados sobre o que uma posição no ranking poderia representar, alguns detectaram que além de boas condições para financiamento, isso geraria consequentemente um reconhecimento por parte dos outros. Esse reconhecimento se daria por meio da percepção de que aquele agente é referência no campo, que de acordo com a avaliação da Capes possui qualidade e excelência para atuar. É claro que o capital econômico auxilia no alcance desse capital simbólico, pois quanto mais recursos um programa tiver para investir em um

desenvolvimento qualificado, maiores serão suas chances de conquistar uma avaliação satisfatória.

5.3 A busca por recursos de poder além dos capitais formalmente institucionalizados

Também parece ser possível identificar outro dado que nos remete a busca por capitais que sustentem as estratégias de posicionamento. O agente busca a posição mais dominante no campo através de ações de diferenciação, se caracterizando como uma instituição reconhecida no campo.

“então o foco agora tá em pesquisas e internacionalmente relevante, que é forma de destacar de novo a [...] de outros pares nacionais, porque..eu acredito, e isso basta os dados de avaliação demonstram isso, que quantitativamente quase todas as instituições hoje em dia cumprem os tais pontos da CAPES, então você precisa inovar em estratégia de posicionamento na pós do país, então [...] agora está nessa estratégias de internacionalização, agora.. não muito tempo atrás, ela chegou a ser descredenciada o programa, do mestrado, exatamente porque tinham alguns professores do corpo docente que não tinham, não tinham esse desenvolvimento acadêmico muito forte né, ham.. digamos assim, [...] estava um pouco ham.. alienada né da parte da avaliação da pós-graduação stricto sensu no país, então chegou a ter... não me recordo bem se foi descredenciado ou quase descredenciado, mas.. a nota no mínimo baixou muito e acho que ficou tempo.. descredenciado o curso né [...] Essa é a minha interpretação, como eu já te falei desde o início né, ou seja, se você.. se você quer manter o seu posicionamento né.. de como uma instituição de elite, que se destaca das outras e se você sabe que hoje em dia tem programas no país que tão com mais de 650 pontos no triênio, quadriênio o que que você vai fazer? Vai incentivar que os professores façam 3mil pontos por ano? como acontece né, tem vários casos assim mas.. não parece ser razoável, já não era razoável , gera um produtivismo exagerado, então você vai se diferenciar pela qualidade, qual é essa qualidade? Essa é a minha interpretação, você vai mudar, vai ser uma métrica que sempre vai mudar porque a lógica é uma lógica de diferenciação, não é uma lógica de uniformização não é? Não tem que ser todos iguais” (Entrevista 12).

Esse trecho busca evidenciar a construção de um posicionamento de diferenciação, por meio de alcance de capitais que o agente considera importante para se destacar no campo, no caso, a publicação e inserção internacional. Nesse caso, percebe-se que após uma avaliação mal sucedida o agente passou a se importar e preocupar mais e de forma muito atenta aos requisitos da avaliação, se reestruturando para atendê-los, visando até antecipá-los para se manter na posição desejada. Nota-se que para manter a posição de elite no campo, se decide institucionalizar regras que ainda não são comuns para todos na tentativa de se diferenciar no momento presente e se destacar. Essa diferenciação ocorre por meio da tentativa de previsão sobre o que a agência de fomento irá exigir futuramente, como é o caso da internacionalização que já é um movimento no campo, mas ainda não existem regras e cobranças formalizadas sobre esse requisito.

No entanto, esse programa busca se antecipar à essa questão para poder se destacar no campo, incorporando essa previsão hoje, para que no futuro já esteja bem colocada e avaliada no campo, mantendo assim sua posição dominante no campo. Dessa forma, parece ser possível afirmar que o habitus organizacional desse agente se caracteriza como um posicionamento pioneiro, que busca tomar decisões antes que as regras sejam formalizadas, para manter domínio e o reconhecimento como instituição de elite.

É importante evidenciar que os agentes tem consciência de que esse modelo de desenvolvimento da pós-graduação possui limitadores e consequências graves para o ensino e pesquisa de qualidade. Eles percebem que o produtivismo, por vezes, pode se tornar uma elevada quantidade de publicação sem nenhum impacto na realidade, sem nenhum compromisso com a formação de gestores capazes de solucionar demandas emergentes do nosso país. No entanto, como é preciso se manter no campo, é necessário jogar esse jogo, pois até o presente momento não existem possibilidades alternativas de ação.

Dessa maneira, quando questionados sobre o que seria excelência e conseqüentemente um programa de excelência, muitos agentes apresentaram concepções diversas ao que é avaliado e intitulado como programa de excelência pela avaliação Capes.

“se você pensar em excelência como uma Instituição que é... formar um pensador livre, digamos assim, com capacidade suficiente pra..pra pensar de maneira.. de maneira livre e tomar suas decisões meio autonomamente, nesse sentido, talvez não tenha nenhuma Instituição de excelência aqui no Rio, não sei se tem alguma Instituição de excelência em algum lugar” (Entrevistado 1).

“a excelência de um programa seria ter a sua própria publicação inteiramente valorizada, como uma forma de dar publicidade ao pensamento gerado naquele programa, segundo lugar, dispor de um compromisso por parte dos seus estudantes é.. com.. a produção acadêmica, com o estudo, a pesquisa, a investigação, a crítica, o pensamento especulativo, ou seja, um ambiente em que docentes e discentes se sintam de fato indo além daquilo que foi é.. lido e estudado, e que se tem como estado da arte, ou seja, a a ousadia de tentar ir adiante, terceiro, ter.. é.. condições financeiras de estar presente nos eventos nacionais e internacionais” (Entrevistado 8)

“é..o impacto social daquilo que se produz, eu acho que muito mais do que o impacto de..impact factor de citação, mas o impacto social, o que que a gente faz melhora a sociedade, o que que a gente tá contribuindo pro debate, no âmbito social, é..a.. não é tão fácil de se medir quanto o impact factor de um journal, mas.. deveria ser medido ao meu ver.., isso pra falar só da pesquisa, e.. o placement do nosso aluno né, o nosso ex aluno, pensando no strictu sensu, o nosso ex aluno de mestrado é.. acabou o mestrado e daí.. [...] O que que ele tá fazendo no dia seguinte?”(Entrevistada 11).

“então assim, excelência pra mim, me remete muito [...] e muito associado aos professores e à atuação dos professores em sala de aula, mas isso está.. assim.., passa ao largo do que hoje tá sendo avaliado como excelência, excelência hoje é o programa que tem os professores que pontuam, que publicam em periódicos internacionais né” (Entrevistada 5).

Nesse sentido, constata-se nas falas acima que a excelência possui outras dimensões que vão além de notas e pontuações. Sendo assim, acredita-se que o alcance do objetivo do estudo foi alcançado por meio da fala dos agentes inseridos no campo de ensino da pós-graduação em administração no estado do Rio de Janeiro, identificando quais os principais recursos de poder existentes nesse campo.

6. Considerações Finais

A perspectiva teórica de campo e capital de Pierre Bourdieu permitiu realizar uma análise do campo de pós-graduação em administração, buscando identificar principalmente quais os recursos de poder existentes no campo de ensino da pós-graduação em administração no estado do Rio de Janeiro, tendo como pressuposto a lógica produtivista instalada através das diversas modificações que ocorreram nesse campo.

Sendo assim, através da coleta dos dados primários e secundários, com o auxílio da análise de conteúdo, parece ser possível afirmar que os principais recursos de poder identificados no campo são: produção, corpo docente qualificado, prestígio, capital financeiro e claro, uma boa colocação no Ranking da Capes. Esses recursos de poder, que Bourdieu denomina capital, são guiados por meio do sistema de avaliação que “encaminha” as regras do jogo e determina quais são os recursos importantes do campo. No entanto, também foi possível perceber que muitos agentes procuram ir além daquilo que é solicitado na avaliação, visando um melhor posicionamento no campo, adotando estratégias de diferenciação.

Importantes questões foram levantadas ao longo do estudo, principalmente pelos sujeitos entrevistados, questões relacionadas à avaliação realizada pela Capes em relação aos programas. As questões de uma forma geral atentam para as especificidades de cada programa, como a avaliação padrão para programas mais novos e mais antigos e para pesquisadores seniores e recém-formados. Em relação aos capitais percebeu-se que eles foram identificados principalmente por meio da fala dos entrevistados que destacaram o que visam alcançar no campo. Alguns agentes evidenciam que na realidade, um programa de excelência deve antes de tudo, se preocupar em formar pesquisadores livres com capacidade reflexiva, que tenham a crítica como apoio para compreender melhor os fenômenos do campo.

Também é destacado que a produção científica deve ser revista e percebida como importante no campo, mas sob outra ótica, outra perspectiva, ela deve ser valorizada, livre para publicação em qualquer veículo, deve causar impactos mais significativos. Além disso, um agente de excelência no campo deve também se preocupar com a vida profissional e acadêmica dos discentes após a finalização do curso, ou seja, se eles estão empregados, se estão atuando no campo, o quão modificador foi cursar o mestrado ou o doutorado, ou seja, a excelência deve considerar essas questões.

Por fim, é notório que a lógica produtivista influenciou fortemente o modo como ocorrerem o alcance dos recursos de poder no interior do campo de ensino da pós-graduação em administração no estado do Rio de Janeiro. Além disso, percebe-se que a perspectiva teórica de Bourdieu se demonstra ajustada para a realização da análise, considerando seus conceitos de campo e capital, tão essenciais para o entendimento do funcionamento da dinâmica do jogo que ocorre entre os programas de pós-graduação em administração.

7. REFERÊNCIAS

ALCADIPANI, R. Academia e a fábrica de sardinha em lata. **Organização & Sociedade**, Salvador, UFBA, v. 18, n. 54, p. 345-348, abr./jul. 2011.

BARDIN L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70; 1977.

BIANCHETTI, L.; VALLE, I., R. Produtivismo acadêmico e decorrências às condições de vida/trabalho de pesquisadores brasileiros e europeus. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.22, n. 82, p. 89-110, jan./mar. 2014.

BOSI, A., P. A Precarização Do Trabalho Docente Nas Instituições De Ensino Superior Do Brasil Nesses Últimos 25 Anos. **Educ. Soc., Campinas**, vol. 28, n. 101, p. 1503-1523, set./dez. 2007.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. **Os usos sociais das ciências: por uma sociologia clínica do campo científico.** São Paulo: Editora UNESP. 2004.

_____. **Razões Práticas:** sobre a teoria da ação. Campinas, SP: Papyrus, 2008, 9ª Ed.

CUNHA, L., A. O Desenvolvimento Meandroso da Educação Brasileira Entre o Estado e o Mercado. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 809-829, out. 2007.

DIAS SOBRINHO, José. Avaliação da Educação Superior Regulação e emancipação. **Revista da Rede de Avaliação Institucional da Educação Superior. V.8, n. 1. Mar 2003.**

DICK, P. Resistance, Gender, and Bourdieu's Notion of Field. **Management Communication Quarterly.** V. 21, n. 3, p. 327-343. February 2008.

FERREIRA, S. A universidade do século XXI: concepções, finalidades e contradições. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação, 2009.

GODOI, C.,K.; XAVIER, W.,G. O Produtivismo e suas Anomalias. **Cadernos Ebape.br.** v. 10, nº 2, opinião 1, Rio de Janeiro, Jun. 2012.

GUERREIRO, P., L., P. A Falsa Democracia da Expansão Educacional Pela Lei 11.892/2008: Resultados em Forma de Precarização do Trabalho Docente em um IF do Nordeste Brasileiro. **ORG & DEMO,** Marília, v. 16, n. 1, p. 53-68, Jan./Jun., 2015.

PIRES, A., C. **Política De Pós-Graduação *Stricto Sensu* Brasileira No Tempo Presente: Corpo E Cultura Como Objeto De Pesquisa Em Educação.** Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2014.

LUIZ, R.,R. Avaliação de produtividade acadêmica: uma proposta de quantificação. **R B P G,** Brasília, v. 3, n. 6, p. 300-312, dez. 2006.

MAGRO, D.; SECCHI, L.; LAUS,S. A Nova Gestão Pública e o Produtivismo Imposto Pela Capes: Implicações Na Produção Científica Nas Universidades. Anais XXXVII Encontro da ANPAD. Rio de Janeiro, Set. 2013.

MISOCKY, M.C. Implicações do Uso das Formulações sobre Campo de Poder e Ação de Bourdieu nos Estudos Organizacionais. **Revista de administração. Contemporânea,** 2003, vol.7, edição especial, pp. 9-30.

_____. Abordagem de redes no estudo de movimentos sociais: entre o modelo e metáfora. **Revista de Administração Pública.** Rio de Janeiro, v.43, n. 5, pp. 1147-1180, Set./out. 2009.

OLIVEIRA, J., F. A Pós-Graduação e a pesquisa no Brasil: processos de regulação e de reconfiguração da formação e da produção do trabalho acadêmico. **Práxis Educativa,** Ponta Grossa, v. 10, n. 2, jul./dez. 2015.

SANTOS, S., A. A naturalização do produtivismo acadêmico no trabalho docente. **Revista Espaço Acadêmico,** n. 110, Jul. 2010.

SWARTZ, David. The sociology of habit: the perspective of Pierre Bourdieu, **The Occupational Therapy Journal of Research,** v. 22, n. 1, p. 615-695, 2002.

THIRY-CHERQUES, H.,R.; Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **RAP,** Rio de Janeiro 40(1):27-55, Jan./Fev. 2006.

WOOD JR, T.; COSTA, C., C., M. Avaliação do impacto da produção científica de programas selecionados de pós-graduação em Administração por meio do índice H. **R.Adm.,** São Paulo, v.50, n.3, p.325-337, jul./ago./set. 2015.

ZUIN, A., A., S.; BIANCHETTI, L. O produtivismo na era do “publique, apareça ou pereça”: um equilíbrio difícil e necessário. **Cadernos de Pesquisa,** v.45, n.158, p.726-750 out./dez. 2015.